DOI: 10.5418/RA2013.0912.0011

QUARENTA ANOS DE GEOGRAFIA DO BRASIL

Hervé Théry [1]

Depoimentos publicados até agora na Revista da ANPEGE (sobre Amélia Alba Nogueira e Aziz Nacib Ab'Saber em 2012, Heinz Charles Kohler em 2013) foram escritos por colegas para homenagear geógrafos que tiveram contribuições destacadas no progresso da nossa ciência. Desta vez – a pedido dos editores da revista – o texto é redigido pelo objeto/sujeito do depoimento, que não tem nenhuma pretensão de ter tal contribuição, e que – tendo ojeriza a qualquer forma de "ego--geografia" – pretende apenas depor, no sentido mais banal do termo, com apoio de documentos objetivos, sobre uma relação com a geografia brasileira que dura quarenta anos, já que começou no dia 6 de fevereiro de 1974 quando pisei, pela primeira vez, em solo deste país.

(1) Directeur de recherche au CNRS-Creda, Professor convidado na USP desde 2005, credenciado no programa de Pós graduação em Geografia Humana - Institut d'Haute Études d'Amerique Latine, Université de Paris III - 28, Rue Saint Guillaume, CEP: 75.007 - Paris, França, Tel: (00 33) 01 4439 8671 - hthery@aol.com

A relação com a geografia brasileira se iniciou um pouco antes, precisamente no dia 12 de julho de 1973, quando recebi a carta de Pierre Monbeig, da qual retiro os trechos da figura 1.



UNIVERSITÉ DE PARIS III
U.E.R. 113
INSTITUT DES HAUTES ÉTUDES
DE L'AMÉRIQUE LATINE
28, rue Saint-Guillaume
75007 PARIS

Paris, le 12 juillet 1973
Téléphone : 222 35.93 – 35.94 – 35.95

Seriez-vous tenté d'aller tâter du Brésil pendant quelques mois et d'y pratiquer vraiment la géographie?

C est une proposition et je crois qu'elle n'est pas mauvaise(M.Roncayolo partage mon point de vue) J'en ai jadis reçu une semblable que j'ai acceptée et je ne m'en suis pas trouvé mal dans la suite des ans.

Pierre MONBEIG.

Figura 1 - Carta de Pierre Monbeig

ISSN 1679-768 X © 2003, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Todos os direitos reservados.

Traduzindo, ele escrevia “Você se sentiria tentado a ir ao Brasil por alguns meses e realmente praticar a geografia? É uma proposta e eu creio que não seja ruim (Mr. Roncayolo compartilha meu ponto de vista). Certa vez recebi uma semelhante, que eu aceitei e não me arrependi ao longo dos anos”.

Imagine o efeito desta carta sobre um jovem geógrafo (21 anos), que acabava de passar – minutos antes – no vestibular da École Normale Supérieure de Paris, graças em boa parte a uma altíssima nota na prova de geografia, dada por uma banca formada por Pierre Monbeig e Marcel Roncayolo, outra figura eminente da geografia francesa. Na arguição da prova oral sobre “disparidades regionais no Brasil” (país que era neste ano um dos pontos do concurso), eu tinha fugido de uma pergunta sobre os efeitos da construção da rodovia Transamazônica, dizendo grosso modo que ninguém sabia ainda dos impactos, que era preciso ir a campo para ver o que poderiam ser. Obviamente Pierre Monbeig tinha tomado nota desta resposta...

Na carta, Pierre Monbeig me fazia uma proposta quase irrecusável, ao escrever “recebi uma semelhante que eu aceitei”, referindo-se ao convite para participar da fundação da USP. Ele de fato aceitou a proposta e ficou de 1935 a 1946 no Brasil, tendo neste período um papel fundamental na gênese do departamento de geografia desta universidade e da AGB. Na discussão que seguiu a minha aceitação, ele repetiu a oferta de passar alguns meses na Amazônia para uma estadia de pesquisa que, como ele já tinha escrito na carta, “só poderia ser frutuosa com uma duração mínima de cinco meses ou, melhor ainda, de seis meses”.

Porém, na mesma conversa, ele me advertiu honestamente que “este país [é] antropófago”, e que ele provavelmente iria me devorar. Mesmo tendo sido avisado eu aceitei esse destino – felizmente ele falava metaforicamente – e eu ainda sou grato a ele por ter me dado o empurrão inicial nessa direção, sem culpá-lo de ter sido engolido pelo país, como ele previa.

Seis meses depois, encontrei Pierre Monbeig no 3° congresso dos geógrafos brasileiros, em Belém (figura 2). Foi o meu primeiro contato com os colegas de todo o país, fora aqueles que ele tinha recomendado que conhecesse no Rio e em São Paulo antes de começar a pesquisa de campo em Rondônia.



Figura 2 - Congresso dos geógrafos 1974, em Belém: Michel Foucher, Martine Droulers e o autor na palestra de Jean Tricard

Nos anos seguintes, após a defesa da tese resultante da estadia de pesquisa (que finalmente se estendeu por nove meses), fiz muitas outras viagens ao Brasil, como pesquisador do Credal (Centre de recherche et de documentation sur l'Amérique latine) que Pierre Monbeig dirigia simultaneamente com o Institut des Hautes Études de l'Amérique latine, da Université Paris III–Sorbonne nouvelle. Os assuntos variavam com os programas de pesquisa do Credal, das frentes pioneiras na Amazônia (que, para Pierre Monbeig, eram a continuação daqueles que ele tinha estudado no oeste de São Paulo e no norte do Paraná) aos polos industriais do Nordeste, às fronteiras políticas do país e à geografia da Paraíba, entre outros.

Continuei, porém, a me interessar pela Amazônia, com a publicação do meu primeiro livro, Le pillage de l'Amazonie (A pilhagem da Amazônia), de cunho bastante polêmico. Com esta publicação eu receava ter-me fechado as portas do Brasil para sempre, mas felizmente para mim o regime militar estava perto do seu fim, e com ele a vigilância do SNI sobre "gringos metidos".

Fora estes estudos pontuais, que sempre incluíam muito trabalho de campo, achei necessário manter observação continuada das dinâmicas gerais do território brasileiro, traduzida em um livro de objetivos principalmente pedagógicos, destinado aos estudantes franceses que começassem a estudar o Brasil. Provavelmente isso correspondia a uma demanda já que o livro, intitulado simplesmente Le Brésil, teve seis edições de 1985 a 2012.

Vivendo então na França, participei ativamente da profunda mutação pela qual passou a geografia regional neste país no fim dos anos 1970 e nos anos 1980, renovação tanto dos conceitos e métodos como das ferramentas, facilitada pela crescente acessibilidade da geomática Essa renovação se fez sentir principalmente nos trabalhos do Groupement d'intérêt public (GIP) Reclus, com sede na Maison de la Géographie de Montpellier, que publicou a Atlas de France, a Géographie Universelle e fez várias avaliações de territórios, a pedido de seus gestores.

Caso se suspeite parcialidade da minha parte, por ter sido parte deste movimento, cito aqui um trecho do livro de José Borzacchiello da Silva França e Escola Brasileira de Geografia: verso e reverso (Editora UFC 2012):

> A geografia francesa das últimas décadas mudou de foco, voltando-se para um debate mais amplo capaz de inseri-la com maior consistência nos meios acadêmicos. [...] O antigo Grupo RECLUS, de Montpellier, com sede na MGM (Maison de la Géographie de Montpellier), foi fonte de inovação da geografia francesa e referência para o mundo, sua análise muda totalmente de eixo, ajusta-se às novas linguagens informacionais, convertendo-se em inovação na representação cartográfica e na análise geográfica de maior complexidade.

Não faz sentido tentar resumir aqui os imensos aportes desta renovação, simplesmente apontarei um aspecto que ainda hoje é o fundamento da disciplina que ministro anualmente no âmbito do programa de pós-graduação em geografia humana da USP: para os geógrafos o território é o resultado da ação diária de todos, consequência da territorialidade das pessoas e dos grupos. Ele é, portanto, uma produção social, explícita ou não: "nenhuma sociedade, nenhum grupo social existe sem território, qualquer sociedade existe num espaço que preexiste a ela e que ela transforma. O espaço organizado é uma dimensão intrínseca das sociedades, tanto como o seu produto" ((BRUNET, Roger; FERRAS, Robert; THÉRY, Hervé. Les mots de la géographie, dictionnaire critique. Reclus/La Documentation française, Paris 1992).

Foi também neste ambiente do GIP Reclus que participei da elaboração, capitaneada por Roger Brunet, dos métodos da modelização gráfica, às vezes conhecida como coremática, e da avaliação prospectiva dos territórios. A segunda – que se apoia em grande parte na primeira – visa a ponderar como é "situado", no sentido pleno e literal da palavra, o lugar analisado, como funciona o seu sistema interno, quais são as suas tendências de evolução e as suas possibilidades de transformação futura. Ao pronunciar-se sobre o desempenho de um sistema, a avaliação não faz julgamento de valor, apenas estima os meios da sua reprodução ou a sua expansão: retroações positivas, capaci-

dade de reproduzir-se e mesmo de estender-se no espaço, de conquistar novos territórios. Faz parte da avaliação a análise do sistema de atores e das suas dinâmicas, num território que "ganha" pode ter "perdedores", e vice-versa.

Em contrapartida, pode também ter efeitos destrutivos, por exemplo para o meio ambiente: deve fazer-se a análise dos riscos, das degradações, das destruições, dos efeitos perversos, das retroações negativas que podem comprometê-lo ou até destruí-lo.

Esta avaliação alimenta-se de mapas e exprime-se em parte pelo mapa e pelos modelos cartográficos. Deve-se chegar à uma representação do ou dos sistemas em atividade no espaço considerado, que pode ser descrito(s) e interpretado(s) por um texto ou uma representação gráfica, um modelo de sistema, sendo complementares.

A minha participação nesta grande aventura intelectual se concretizou em duas publicações do GIP, a Géographie Universelle (onde fui responsável da redação da parte sobre o Brasil e codiretor do volume América Latina, publicado em 1991), e o Atlas du Brésil, com Neli Aparecida de Mello, publicado em 2003 na coleção Dynamiques du territoire, co-publicada com La Documentation française (coleção que coordenei logo depois).

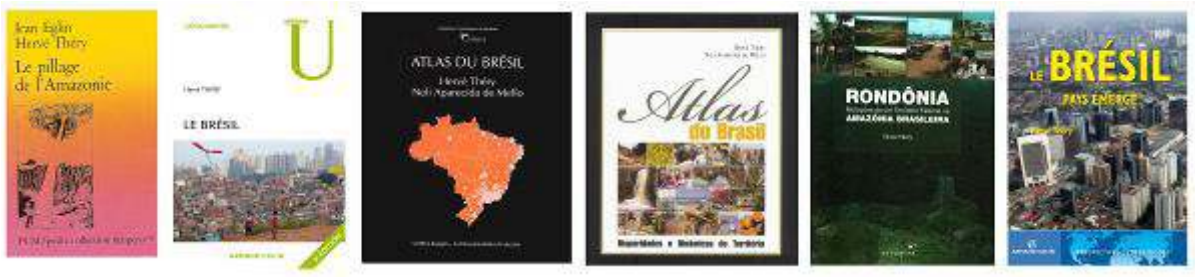


Figura 3 - Livros

Este atlas foi posteriormente traduzido em português, em 2005, como Atlas do Brasil, Disparidades e dinâmicas do território, por iniciativa de Wanderley Messias da Costa, que escreveu no prefácio à edição brasileira:

> Com este autêntico estudo de geografia humana e regional, ora publicado pela Editora da USP, os autores resgatam, renovam e prestam a sua homenagem à boa tradição de pesquisa legada pelos nossos mestres pioneiros que fundaram e deram o imprescindível fôlego inicial ao curso de geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo [...] Coube a Hervé Théry, com os seus estudos sobre a colonização (agora na Amazônia), dar continuidade ao legado de Pierre Monbeig. Também cabe a ele o mérito de reavivar em seu País a chama da cooperação franco-brasileira com a USP na nossa área. É por tudo isso, portanto, que esta original síntese do nosso País, tão bem elaborada sob a forma de um "livro-atlas", publicado na França e agora no Brasil, é plena de simbolismo.

A filiação intelectual apontada por Wanderley Messias da Costa, que me honra imensamente, foi colocada em forma gráfica em um dos paneis da exposição Espaços-tempos do Brasil, concebida em 2005 na ocasião do Ano da França no Brasil (figura 4): meu nome aparece numa prestigiosa sequência que vai, via Pierre Monbeig, de Vidal de la Blache (Ao qual estou também ligado em outra sequência, a dos docentes de geografia na École Normale Supérieure, como aparece no anuário publicado na ocasião do bicentenário da ENS, onde o seu nome abre uma lista que o meu encerra) aos meus jovens colegas Emmanuel Lézy e François-Michel Le Tourneau, que continuam a tradição dos "brésilianistes".



Figura 4 - Filiação intelectual

Outra honra me foi feita – pela qual sou também eternamente grato – pelos colegas da Universidade Federal de Rondônia, que publicaram – 38 anos após a sua defesa – a minha tese sobre o seu Estado. Sei perfeitamente que o texto vale por ser um documento já histórico, um retrato de uma situação há muitos anos totalmente transformada pelo afluxo de migrantes, e não pelo valor intrínseco desta obra de juventude. Mas, voltar tantos anos depois nos lugares das minhas primeiras pesquisas muito me emocionou. Neste sentido agradeço os colegas da UNIR, especialmente Ricardo Gilson da Costa Silva, por ter planejado e organizado esta volta ao campo (Ver o bilhete "Rondônia quarante ans après, images d'hier et d'aujourd'hui" no meu blog de pesquisa Braises, http://braises.hypotheses.org/285).

Quase quarenta anos depois, tendo escrito 18 livros, 70 capítulos de livros, 120 artigos em revistas com comitê de redação e 22 em outras revistas, fundado com Neli Aparecida de Mello-Théry a revista franco-brasileira Confins (http://confins.revues.org/, Qualis A2) continuo tentando passar aos leitores franceses a minha visão do país fascinante ao qual consagrei a minha carreira científica. O meu último esforço (por enquanto) nesta direção foi a publicação, em abril de 2014 do livro Le Brésil, pays émergé, título escolhido para indicar que – ao meu ver – o Brasil não é mais um país "emergente" e que, apesar de todas as suas dificuldades, ele já "emergiu" faz tempo.

Prova disso é a transformação das relações entre geógrafos franceses e brasileiros, que testemunhei com satisfação, para a qual deixo de novo a palavra a José Borzacchiello:

"A relação estabelecida entre os profissionais dos dois países não era marcada pela simetria, ao contrário, a tradição acadêmica francesa associada ao longo período de aplicação de teorias e métodos em sua ação expansionista, garantia um caráter universal, até então desconhecido pela geografia feita no Brasil. Aqui os franceses [faziam] suas pesquisas e [...] muito contribuíram para que se fizesse a leitura geográfica do país, vislumbrando um projeto nacional a partir da ótica deles. Na França, o brasileiro enquanto profissional situava-se, predominantemente, na condição de aprendiz da fundamentação teórica e metodológica norteadora daquela escola geográfica com suas diversas correntes" [...].

"Hoje, é bem maior o interesse que a França tem pelo Brasil. Há uma renovação do quadro de professores e pesquisadores interessados pelo estudo e compreensão do país. É evidente que houve uma mudança de atitude. [..] A permuta, a troca, o intercâmbio, são fundamentais para o avanço da ciência geográfica. Dentre os estrangeiros, não resta a melhor duvida que, no Brasil, os franceses

ocuparam e ocupam papel destacado. As relações entre os dois países devem ser reforçadas, propiciando a troca recíproca".

Em conclusão, terminarei – bem geograficamente – com um mapa (Figura 5), que relata os lugares que visitei e as cidades onde ministrei cursos (geralmente concentrados) ao longo destes quarenta anos. Os colegas que me convidaram para estes cursos sabem que troco qualquer pro labore, com prazer, por uma excursão com eles em uma região que ainda não conheço. Foi assim que visitei, observei, fotografei (para uso em futuras aulas e publicações) lugares tão diversos como o Pontal do Paranapanema, a "esquina do Brasil", o sertão paraibano, a serra gaúcha com os seus prósperos vinhedos, a serra de Baturité com os seus cafezais decadentes, cujo receptivo envolveu, respectivamente, Bernardo Mançano Fernandes, Aldo Aloisio Dantas da Silva, Emilia de Rodat Fernandes Moreira, Ivanira Facalde e Aldomar Arnaldo Rückert, Maria Clélia Lustosa Costa e Eustógio Wanderley Correia Dantas. Fica claro, no mapa, que ainda tem muitos pontos notáveis do território brasileiro que não conheço...

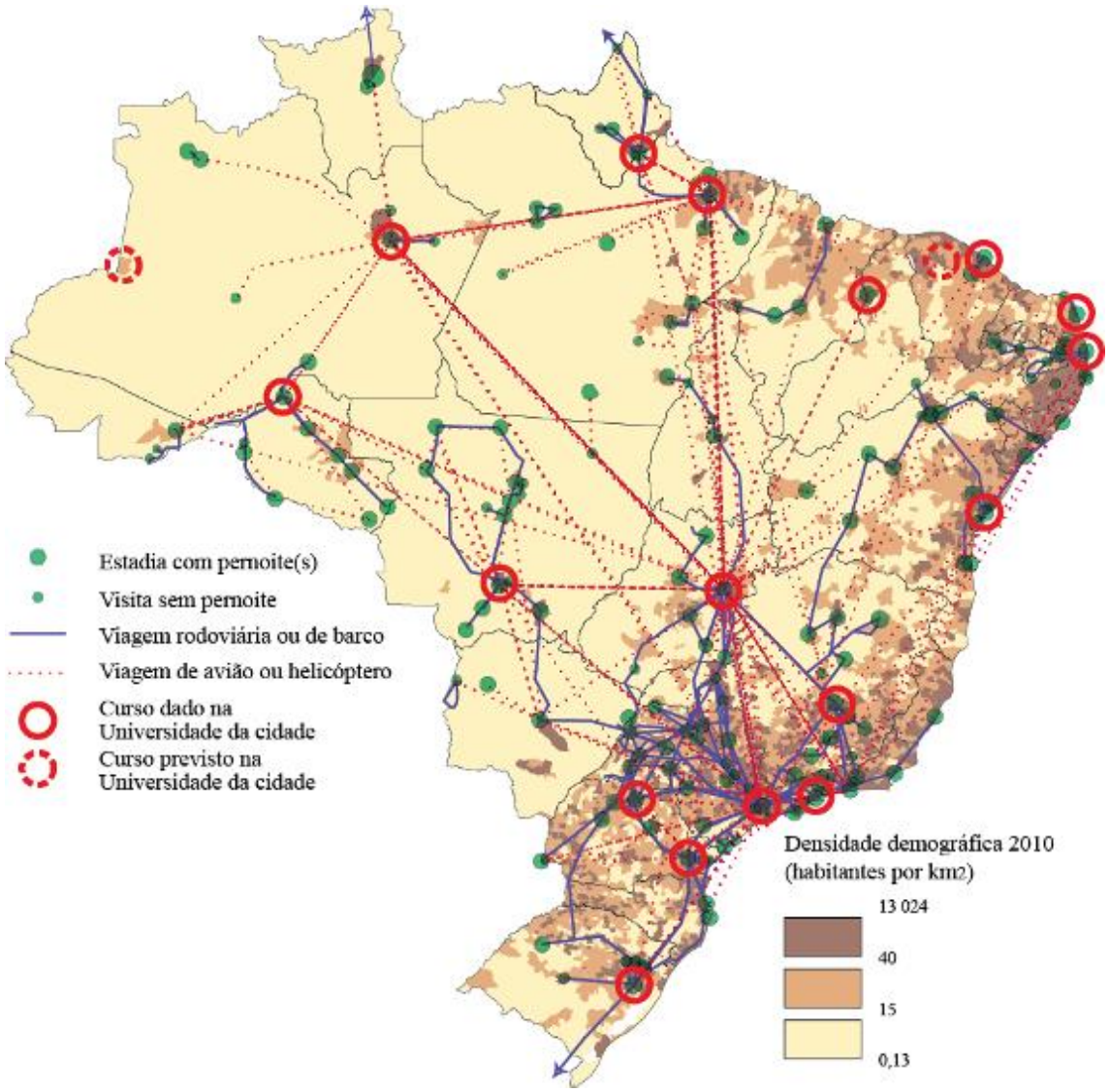


Figura 5 - Cursos ministrados e viagens pelo Brasil

Trabalho enviado em janeiro de 2013
Trabalho aceito em fevereiro de 2013